

O PAQUETE DO TEJO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GABRAL

DEZEMBRO

N.º 6

LISBOA

19 — TYPOGRAPHIA RUA DO ARCO — 19

(JUNTO A JESUS)

1866

N.º 5875

PROPRIETARIO DO LUGAR

REPUBLICA DE PORTUGAL

PROPRIETARIO DO LUGAR

M. J. CARVALHO

EDUARDO DE ALMEIDA



ALUGAR

10-11-12-13-14-15-16-17-18-19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100

(LUGAR A 1000)

1000

Compro

-6. MAI 2010

O PAQUETE DO TEJO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GABRAL

DEZEMBRO



LISBOA

19—TYPOGRAPHIA RUA DO ARCO—19

(JUNTO A JESUS)

1866

Compte

RECEIPT NO. 1200

RECEIVED

RECEIVED

RECEIVED

RECEIVED



RECEIVED
RECEIVED
(RECEIVED)
RECEIVED

A HISTORIA E A POESIA

O oceano esteve por muitos tempos sem navios, e os povos sem thronos; porque os navios pesam sobre o oceano, e os thronos sobre os povos. Assim, logo que o mar se fatiga, uma tempestade brame, duas vagas se separam, e o navio submerge-se; logo que uma nação se cança, uma luta se fere, um povo cava abysmos, e um throno desaparece.

Os homens nasceram livres e nomades; o despotismo tornou-os escravos e sedentarios; o governo representativo fel-os obedientes, mas raspeitados. Como percorreram estas tres phases e attingiram estes dois horisontes, quaes as causas postadas de atalaia entre intervallos quasi iguaes, como albergues para descanso em caminho de peregrinação?

Isolados primeiro, os homens reconheceram a auctoridade d'um pae; a necessidade de socialismo reunio muitas familias, e elegeram-se um patriarcha. Uma querella para sustentar direitos duvidosos, por terrenos invadidos, constituiu um chefe; a victoria creou um general; vencedores e vencidos formaram um povo; o general organisou um exercito

e tornou-se conquistador. Depois, acobertou-se com o escudo, cingiu a espada, e disse:—*Sou rei.*—A nação, costumada ainda ao accento d'esta voz julgou que pronunciava ainda algumas palavras de guerra, e continuou, com a serviz já curvada, marchando contra o inimigo. Depois, quando quiz erguer a cabeça, era tarde: a usurpação tinha-a abatido e esphacelado, como abutre sedento dilacerando o cadaver da presa. Vinte annos estabeleceram dynastia, cem annos consolidaram a legitimidade. Os primeiros seculos que passaram, como que saudando-a, cimentaram o edificio feudal: os que se seguiram fizeram sentir-lhe a sua acção destruidora, um ultimo minou-lhe os alicerces, abriu-lhe brecha, abalou-o, e a final fel-o desabar de repente; os filhos dos opprimidos plantaram um carvalho no entulho das ruinas, regaram-no com sangue, e dançaram em volta dizendo:—*Somos... edificuemos de novo.*—E todos levaram mãos á obra, e o edificio republicano elevou-se rapidamente. Apenas construido, um homem que vira trabalhar os mais, ergue-se sobranceiro, e disse a Roma: Sou Cesar; a Londres, sou Cromwel; a Paris, sou Napoleão; a Lisboa, sou João IV; pesou por algum tempo em Roma, Londres, Paris e Lisboa, como um sonho sobre a mente de um homem adormecido, e, como sonho tambem, esvaiu-se ao despertar, para dar logar a Augusto com seus comicios, a Carlos II com a sua constituição nacional, a Luiz XVIII e a Pedro IV com a carta constitucional.

Eis aqui a marcha ordinaria dos acontecimentos de um povo:—nasceu familia,—reuniu-se tribu,—combateu armado,—fez-se reino,—declarou-se republica,—constituiu-se imperio,—consolidou-se governo representativo. Examinemos um poucachinho mais detidamente as variações que estes acontecimentos operaram nas necessidades e nos costumes do povo, e a influencia que n'elle exerceu a litteratura, que é o reflexo dos costumes e necessidades nos differentes periodos da sua existencia.

Familia,—viveu da caça e da pesca, deitou-se nas redes e adormeceu reclinada nas armas; a industria era a força e a destresa; a necessidade, a fome e a sede; o passado

limitava-se na vigília; o futuro, no dia seguinte;—caçava-se e pescava se hontem, caçar-se-ha e pescar se-ha amanhã. Sua poesia é simples como suas sensações; é uma especie de canto sem rythmo que descreve tudo quanto se vê: o regato que murmura, a ave que fende os ares, o sol que dissipa a bruma; nada resta d'esta poesia por isso mesmo que todo o mundo era poeta.

Tribu,—seus costumes medearam-se, suas necessidades augmentam, sua industria desenvolve-se. Ha cabanas e rebanhos; troca-se a lã e o leite pelo pão e instrumentos agra-rios; nasce o commercio; cria-se o culto; fertilisa-se a terra; o amor aos deuses e á propriedade estabelece-se: o povo era então nomade, agora viageiro.

O poema d'esta segunda era é o hymno e a ode; e sobre o vasto mar dos tempos, Orpheu sobrenada entre os gregos, e o Genesis entre os hebreus.

Armado,—invade para se engrandecer. Cada jardim será um circo, cada circo um campo de trabalhos; a pilhagem substituirá a troca; chefes e soldados segundo a posição, partilharão de despojos e territorios, e se na partilha o soldado é lesado pelo chefe, ou o chefe pelo soldado a azagaia d'este emergir-se-ha no coração do chefe, e a espada d'aquelle fenderá de alto a baixo a cabeça do soldado.

D'entre o ferreo zoido que produzem dois exercitos travando-se encarniçados, a voz de um poeta murmura sonora: é a d'Ossian.

Reino,—a igualdade morre, a sociedade divisa-se, as fileiras organisam-se, os feudos criam-se, a aristocracia resfolga, o povo curva-se. Divide-se como os rebanhos que outrora repartiu; o senhor troca de logar, e como elles segue-o: seus dias, sua força, o suor extenuante do trabalho, pertence ao que hade sustentar; comprehende silencioso que ainda não soou a hora da liberdade. A vontade e o desejo de ser livre abandona-o ás vezes, e se o acaso ou a fuga o isempta do seu senhor natural, só redundam em ir obrigar-se sob a protecção de um outro, encostar seu tegurio como a andorinha seu ninho nas gotteiras do castello, erguido altivo e impavido no pincaro de um rochedo, alon-

gando as atalayas como aza d'aguia, e habitado por um d'estes velhos *barões de ferro*, que combatem com espadas em ambas as mãos, encontram cavallos heroicos, lutam corpo a corpo com touros, e para morrerem, deitam-se na sua armadura, como nós na mortalha!

Esta epocha, cujo desenvolvimento se conta por seculos na historia das nações, é epica desde o seu começo e Homero nasce; dramatica no fim, Shakspeare resurge;—a proporção estabelece-se.

Republica,—o gigante accorda sentindo-se atropellado. Comprehende que a cabeça dos grandes não ultrapassa a sua, e que a ninguem assiste o direito de lhe arrojare olhares altivos e cuspir-lhe nas faces escarros purulentos. Supportou injurias paciente e resignado, mas revolucionou-se odiento e feroz; como Tarquinio, humilhou os soberbos, abateu cabeças no cadafalso, e sempre ferindo e acutilando á direita e á esquerda, percorre e sobe todos os degraus da escada social, e chegado ao ultimo, pára um instante diante de um rei que, pela primeira vez, vê face a face;—instante decisivo, prompto, solemne, supremo, em que a monarchia, escoltada de todas as suas tradições, vae lutar com um povo forte de todas as crenças e esperanças, e se não cae ao primeiro sopro, será asphixiado no primeiro encontro: é então que, ebrio de sangue real, sobre um throno devoluto, coustrae a tribuna dictatorial, procura em vão o poder que na terra lhe resta a combater, eleva os olhos ao ceu e, no seu delirio, affirma ou nega a existencia de Deus.

A questão litteraria d'esta época e a da que precede, alargando-se á proporção que se aproxima de nós, necessita d'um exame especial, em que vamos entrar ligeiramente. Que se me perdôe a digressão anterior se a tornei tão succinta quanto prolixa, mas julguei-a necessaria. Um pintor não terminaria um quadro, se tivesse só acabado as personagens do primeiro plano, e obliterado a perspectiva.

Retrocedendo o olhar, assomam ao horisonte litterario Corneille e Molière, Gil Vicente e Camões,—estes gigantes do drama e da poesia, que o genio collocou quasi face a face para guardar o mundo da poesia e dizer aos seus suc-

cessores:—*Não avancareis mais.*—Mas os antigos apesar de interporem as columnas de Hercules no estreito de Gibraltar, Colombo descobriu o novo mundo, Vasco da Gama as Indias, Cabral o Brazil.

São estas uma das maravilhas e respeitaveis figuras a examinar. Muitas, senão principaes, pelo menos de grandissimo valor, não mencionaremos n'este aligeirado escripto, pois dependem d'um estudo proprio da grandeza do assumpto.

Corneille, nascido n'uma era em que se atejavam fremen-tes de colera duas guerras civis, alimentado pelas recordações da Liga, exaltado pelas idéas da Fronda, creança no reinado de Henrique 4.^o, mancebo no de Luiz 13, velho no de Luiz 14; Camões, nascido n'uma epocha de florescente e radiosa riqueza, sob os auspicios da estrella que fadou o governo de João III, o poeta que assistiu ao desmembramento da patria, ao desastre de Sebastião I nas arenosas e ardentes plagas d'Africa, o moribundo, expirando com o Cardeal D. Henrique no momento em que um sceptro se espedaçava nos degraus do throno, na miseravel enxerga que lhe offertava a caridade, para não ver o jugo do estrangeiro; o soldado, mutilado, ferido pelo desterro, lutando com a furia das vagas,—Camões e Corneille, os homens sustentados pela seiva do genio, que poderiam ser os grandes arbitros d'um paiz,—mas que Deus não quiz,—porque eram, e foram, a immortalidade d'uma nação.

Corneille, o magnifico, já perseguido e ainda obscuro, por um ministro e uma academia, arrojando-lhe o Cid, o fere com o mesmo golpe Richelieu e Chapellain.

Animado com esperanças banaes, poderia apenas ser um homem de talento, a perseguição fez d'elle um homem de genio; repelliu a paz, não admittiu tregua; o poeta arremete corpo a corpo com o grande ministro; o genio derrota o poderio absoluto, qual Hercules Anteu.

Camões, o exilado, o amante que serve de ludibrio nos primeiros amores que lhe deviam dourar os dias da juventude, rediculisado pelos grandes; soldado, pelejando esquecido n'um affastado cantinho do mundo, expondo

a vida no favor da patria que tão madrastra lhe foi, em escaramuças contra uma horda de selvagens, e depois recolhendo os louros merecidos pelos seus feitos de valor, refugiar-se na gruta de Macau, a descansar de fadigas e limpando o rosto ennegreeido pelo fumo das batalhas, confiando ao papel os segredos da inspiração que Deus lhe transmittia, escrevendo em paginas indeleveis o seu immortal poema, historiando os feitos das quinas erguidas em todos os pontos do mundo, travando combates com as ondas enfurecidas, qual outro Leandro, e recolhendo-se ao seu paiz a exorar recompensas, encontra a *fome* por premio, o *despreso* por corôa, o *hospital* por *capitolio*.

Sublimes genios, sublimes predestinações!

A estes grandes cultos, outros não menos succederam. Menos graves, mas mais tristes do que Corneille e Camões,—outros poetisando o idealismo do prazer, outros a agonia e amargura, e desmascarando os vicios,—outros cultos, mais comicos do que Plauto, mais dramaticos do que Terencio,—verdadeiros satellites que haviam de tornar brilhante a nova constellação litteraria do mundo.

Racine e Bocage,—duas glorias, dois nomes immortaes, constantemente puros. eternamente bellos, mas por isso mesmo pouco naturaes e dramaticos. Tragicos, não tem as irradiações de genio de Corneille; comicos, não tem o trivial da exuberante veia de Moliere; epicos, não tem as arrojadas inspirações de Camões;—não são nós, nem torrentes,—mas sim regatos como os que deslisam nos mais poeticos vergeis. N'elles, a força é sempre submettida á harmonia, a energia subordinada á elegancia. Um, o pintor das paixões,—o auctor da *Athalie*, que o grande seculo de Luiz 14 não comprehendeu, fatigado das intrigas forjadas por uma corte dissoluta, envenenado pelas injustiças, teve a sorte quasi particular dos homens fadados para a poesia, morreu desgraçadamente... outro, primeiro e unico repentista que Portugal até hoje tem admirado, o cavalleiro de todos os torneios litterarios do seu tempo, o vencedor de Tolentino e de J. A. de Macedo; o renegado, o descrente da religião, consummindo a vida e o talento no fogo abra-

sador da devassidão, evaporando-se como os fumos da orgia, murmura expirando nas vazeas da morte esta prece em que traduz o martyrio da sua vida:

«Deus, oh! Deus! quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube!

F. d'Abreu Marques.

EXTRACTO DO DIARIO DE UM POBRE VIGARIO

NA PAROCHIA DE WILTSHIRE

(Continuado do n.º 4)

19 de Dezembro ao meio dia.

Esta manhã recebi um bilhete em que um desconhecido me pedia que o procurasse na estalagem aonde tinha passado a noite para negocio urgente.

Fui procural-o. Era um bonito rapaz de 26 annos, embrulhado n'uma capa velha e já rota, com as botas ainda todas enlameadas da viagem. O seu chapéu que quando novo seria muito melhor que o meu, estava em pessimo estado, e, não obstante pareceu-me pessoa de esmerada educação.

Fez-me entrar para o seu quarto, pediu-me mil perdões pelo incommodo que me dava, e concluiu por confessar-me que se achava no maior apuro, não conhecendo pessoa alguma n'aquella freguezia aonde tinha chegado o dia antecedente, e por isso se lembrára de dirigir-se a mim como parocho.

«Sou, medisse elle, um artista dramatico, mas presentemente não estou escripturado em theatro algum, e devo partir n'este momento para Manchester. O meu dinheiro não

chega para pagar á estalagem, e muito menos para continuar a jornada. N'este estado afflictivo, peço-lhe que me empreste doze schelings, que prometto restituir com a mais pura gratidão, logo que obtenha alguma escriptura.»

Era escusado pintar-me tanto ao vivo o seu desespero; pois no semblante mostrava a maior afflicção. E' muito possivel que o meu mostrasse tambem todas as difficuldades da minha situação, porque immediatamente levantou para mim os olhos dizendo com a maior desconsolação:

«Vejo que me não póde auxiliar.»

Descrevi-lhe então a minha posição, confessando-lhe que não me pedia menos da quarta parte de tudo quanto possuía, e accrescentei-lhe que vivia na maior incerteza em relação á estabilidade do lugar que exercia.

—Já lhe não peço coisa alguma, me disse, mas não haverá n'esta parochia alguma pessoa abastada que tenha um coração compassivo?

Envergonhei-me então de ter exposto a minha vida a mr. Fleetman, para ter o direito de recusar o que me pedia. Fui me recordando ao mesmo tempo de todos os meus parochianos, mas não me atrevi a nomear-lhe nenhum. Não conhecia eu assaz o coração de todos?

Aproximei-me então, e pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe com meiguice:

—Mr. Fleetman, peza-me a sua situação, sabe a minha, e todavia vou ver se o posso remedear. Dentro de uma hora terá a minha resposta.

Voltei a casa, e pelo caminho considerava na singularidade de ser procurado por um comico, para mim totalmente desconhecido. Deve haver em mim alguma coisa que atraia. Todos os afflictos se lembram de mim, que sou o mais necessitado de todos.

Logo que cheguei, contei a minhas filhas quanto me succedera e perguntei a Jenny a sua opinião.

—Meu pai, me disse ella, leiu-lhe o pensamento, e nada tenho que aconselhar-lhe.

—E que julgas tu que eu penso a similhante respeito?

—O pensamento de meu pai é que quizera ser para o

pobre actor o que queria que Deos e o reitor Schwart fossem para si.

Confesso que me não tinha occorrido similhante pensamento, mas desejava que me tivesse occorrido.

No mesmo dia á noite.

Estou convencido que o artista é um homem honrado. Quando Jenny voltou de sua casa teve muito que contar-nos. Disse-nos que a mulher do estalajadeiro desconfiando vasia a bolsa do seu hospede, a interrogára largamente, obrigando-a a confessar que lhe levava dinheiro.

Minha filha teve que aturar da tal senhora um extenso sermão sobre a imprudencia d'aquelles que não tendo para si, soccorrem os aventureiros.

N'este tempo entrou mr. Flettman dizendo que não quizera abandonar a freguezia sem agradecer ao seu bemfeitor o tel-o livrado de tamanho apuro. Quando chegou estava a meza posta e tinhamos batatas e uma omoleta. Convidei-o a que ceasse connosco o que não recusou.

E' provavel que tivesse necessidade, porque na estalagem de certo o não serviriam como precisava. Polly foi buscar cerveja, e ha muito tempo que em nossa casa não tinha havido tamanha festa.

Mr. Flettman parecia achar-se muito satisfeito com a nossa companhia. O rosto perdera toda a expressão do desespero, mas conservava a timidez propria de quem soffria. Acreditou que eramos muito felizes, opinião em que o confirmámos. Julgou tambem que eramos mais ricos do que aparentavamos, mas n'este caso enganou se. A causa do seu erro era sem duvida a muita limpeza e boa ordem da nossa casa, o brilho dos christaes, a alvura das cortinas, o aceio do sobrado, da nossa meza, das nossas cadeiras, e de tudo quanto não é costume ver assim nas casas dos pobres.

O nosso hospede não tardou em tornar-se intimo da familia, e fallava mais da nossa posição que na sua. E' preciso que este homem tenha um grande peso no coração, pois não é possivel que o tenha na consciencia. Effectiva-

mente observei que muitas vezes no meio da conversação, uma sombra lhe passava pela frente, e a palavra se lhe detinha então nos labios, fazendo depois grande esforço para tornar-se alegre. Deos o console.

Deixou-nos, finda a ceia, tendo-lhe eu dado os melhores conselhos. Sei que os actores não são muito escrupulosos no seu modo de vida, mas elle deu-me a sua palavra de restituir-me o que lhe emprestára, logo que obtivesse alguns meios.

Eis as suas ultimas palavras:
«E' impossivel que a infelicidade possa accometter-vos.
Dois anjos velam ao vosso lado.»

E dizendo isto designava Jenny e Polly.

20 de Dezembro.

O dia passou-se tranquillamente, mas não posso dizer que me fosse agradavel. O mercieiro Loster enviou-me a conta da despeza do anno inteiro. Sóbe a muito mais do que eu julgava e todavia é exacta, porque este anno todos os generos subiram de preço. Enviei-lhe o seu dinheiro e está a conta salda.

De todo o dinheiro só me restam 11 schelings. Permite Deos que mr. Flettmann me envie o que lhe emprestei, do contrario não sei o que será de mim:

Disse porém depois comigo:

«Homem sem fé! Se eu não sei, sabe.o Deos.»

Todo o meu crime é ser pobre e nada mais.

24 de Dezembro.

No seio da desgraça pouco basta para nos alegrar-mos. O vestido novo de Jenny causou-me immenso prazer. Como lhe fica bem! Mas não quer sahir com elle senão no dia do anno novo, quando for á egreja.

Todas as noites me dá contas da despesa diaria para mostrar-me que pouco nos basta. E' verdade que todas as noites nos deitamos ás sette horas para poupar o azeite e o

carvão. Isto não é grande sacrificio, pois que assim estão minhas filhas mais espertas de dia, e levam na cama a conversar uma com a outra muitas vezes até á meia noite. Temos abundancia de batatas e legumes; e Jenny julga que teremos para sete ou oito semanas sem contrahir dividas. Bem bom, d'aqui até lá virá mr. Flettemann, como homem honrado, cumprir a sua palavra, e ha de restituir-me o dinheiro que lhe emprestei. Quando fallo nisto e mostro alguma desconfiança ou duvida, tenho uma questão com Jenny, porque não permite que se faça máu conceito do artista.

Outras coisas mo preocupam muito mais. Polly está uma mulher, já não é nenhuma menina e Jenny está a completar 18 annos. Chegarei a vel-as casadas? A nossa pobreza não é um misterio, e por isso será difficil achar um bom marido para Jenny, apesar da sua educação e belleza. Nesta época attende-se mais á riqueza que ao sentimento. Se eu morresse que seria de minhas pobres filhas? Felizmente estão na idade de poderem servir n'alguma casa.

26 de Dezembro.

Passei dois dias terriveis. Nunca me enfastiaram tanto as festas do Natal. Durante estes dois dias tive que pregar cinco vezes em quatro differentes logares. Os caminhos estão pessimos por causa das chuvas. Cada vez me ressinto mais da velhice, mas apesar dos annos, sinto-me com robustez para o trabalho. E' verdade que diariamente o meu sustento são batatas e hortalica e a minha bebida agua fresca, o que não é muito proprio a dar forças a ninguem.

Tive estes dois dias a fortuna de jantar com o rendeiro Hurts. No campo ha gente mais hospitaleira que em a nossa pequena cidade, aonde ha seis mezes ninguem me convidou para jantar. Quanto não desejei ter comigo as minhas filhas?

Quando o rendeiro e sua mulher instaram comigo para que comesse mais, disse-lhes que se me dessem licença levaria um bocado de torta a minhas filhas, e aquelle excel-

lente homem não só me arranjou um saquinho bem provido, mas, como chovia, mandou conduzir-me a casa em caruagem.

Todavia estou muito fatigado: a minha conversação com o rendeiro foi muito interessante. Descrevei-a-hei amanhã.

27 de Dezembro.

Eis-nos no cumulo da alegria, mas é preciso que minhas filhas aprendam a moderar-se, guardo para depois do jantar uma carta volumosa de mr. Flettemann. Não a quero abrir agora. Minhas filhas são verdadeiras filhas de Eva. Morrem de curiosidade por ouvir ler a carta. Lêem repetidas vezes o subscripto, e a carta em menos de um minuto passa de uma a outra mão.

A admiração excede a minha alegria, emprestei 12 schellings a mr. Fletteman, e remette-me cinco libras esterlinas! Louvado seja Deus! Parece-me que o nosso artista conseguiu boa collocação.

Como podem succeder-se com tanta rapidez a alegria e o pesar! Fui esta manhã a casa do administrador Fieldson, porque se me affirmára que o negociante Brook, de Wotton—Basset se suicidára por causa de dividas. Era parente de minha mulher, o que me obrigou ha dez para doze annos a ser seu fiador por uma somma de cem libras em razão de uma compra que fez. Ainda não estou desonerado desta fiança. Este homem experimentando ultimamente muitos revezes, entregou-se ao vicio da embriaguez.

O administrador porem tranquilisou-me, dizendo-me que tambem tivera conhecimento desses boatos, mas que não era provavel que Brook attentasse contra os seus dias. Por outro lado não havia noticia alguma delle. Voltei a casa mais tranquillo, e roguei ao Senhor que continuasse a proteger-me.

Na volta vi ao longe Polly na rua, que corria ao meu encontro, e assim que se aproximou, disse-me:

«Papá, veio uma carta de mr. Fletteman, que custou seis penns, mas vem acompanhada de cinco libras.»

Antes mesmo de deixar a bengala e o chapéu, Jenny entregou-me a carta cheia do maior contentamento. Minhas filhas estavam loucas de prazer, e tanto que me obrigou a dizer-lhes:—E' mais difficil ter animo para olhar com serenidade uma grande alegria que uma desventura. O primeiro vislumbre de felicidade tem-lhes feito perder a cabeça, e para as castigar não quero abrir a carta senão depois do jantar.

No mesmo dia á noite.

O nosso prazer converteu-se no mais puro sentimento. A carta não era de mr. Flettemann, mas do reitor Swart. Em resposta á minha declarava-me, que não podia conservar o meu lugar além do Natal, que procurasse outra collocação e que me remettia dinheiro para as despesas da viagem, pois que o meu successor já estava nomeado e vinha immediatamente substituir-me.

Realisou-se a final o que eu receava. Diz-se que o pastor que vem substituir-me obtivera esta nomeação por ter casado com uma parenta do reitor. Seja o que for, o facto é que eu e minhas filhas estamos no meio da rua.

Jenny e Polly tornaram-se pallidas como a morte ouvindo ler a carta do reitor. Polly cahiu desmaida sobre uma cadeira e Jenny sahiu de casa. Em quanto a mim, li a carta a tremer, fui para o meu quarto e fechei-me: depois, ajoelhando, pedi a Deos que me protegesse e a minhas filhas.

D'ahi a alguns momentos voltou Jenny, e eu fui para junto de minhas filhas que estavam sentadas ao pé da janella. Nos olhos vermelhos de Jenny conheci que procurára a solidão para chorar. Ambas me olharam com meiguice e sentimento, mas vendo-me resignado e até de bom humor mostraram-se conformes. Peguei na carta e no dinheiro com certo desprezo e atirei tudo para dentro de uma gaveta. Em todo o dia não tornámos a fallar de semelhante coisa. Receava mostrar-me fraco diante de minhas filhas.

28 de Dezembro.

Passámos a noite tranquillamente e só agora fallámos na carta do reitor e na perda do meu logar, como de uma coisa esperada e natural. Formámos mil planos de vida para o futuro, e o que nos pareceu mais duro é o ter-mos que nos separar forçosamente por algum tempo; porque não ha outra resolução a tomar senão o minhas filhas sujeitarem-se a servir, em quanto eu procuro outra collocação.

Já aqui senão falla senão do novo vigario, sentindo alguns dos meus parochianos que eu me retire. Será este sentimento sincero? Quero acreditar que sim.

29 de Dezembro.

Escrevi hoje ao bispo de Salisbury, espondendo-lhe a minha triste situação e a miseria de minhas filhas, depois de longos annos de serviço no meu ministerio. Diz-se que é homem compassivo. Deus lhe toque o coração! Entre as 304 parochias do condado de Wiltshire, ser-lhe-ha muito facil dar-me uma collocação. Peço-lhe tão pouco!...

30 de Dezembro.

Senti-me doente e recolhi-me á cama. Minhas filhas agasalharam-me os pés. Sinto o corpo muito, cansado mas tenho animo para tudo, louvado seja Deos. Quanto acalca de acontecer-me parece, um sonho.

Foi certo o suicidio de Brook. O administrador Fieldson communicou-me a triste noticia, mostrando-me o documento por onde consta da minha fiança, e como Brook morreu insolvente fui avisado para pagar ao negociante Withiel as cem libras esterlinas que lhe garantira.

Cem libras! meu Deos. E como havel-as. Vendendo tudo quanto tenho e é de minhas filhas, talvez não chegasse a apurar cem schlings. Durante o longo periodo da doença de minha mulher, pouco a pouco gastamos quanto tinhamos. Já não sou mais que um mendigo! E se ainda assim

pudesse conservar a minha liberdade!—Se mr. Withiel não tiver dó de mim irei parar á cadeia; porque nem ao menos me é permittido pensar em pagar-lhe.

1.º de Janeiro de 1765 pela manhã.

O anno começa com um acontecimento triste e singular. Esta manhã ás 6 horas, achava-me ainda na cama e considerava no sermão que tinha hoje a pregar quando ouvi chamar pelo meu nome e bater á porta. Polly já tinha des-cido para a cosinha e apressou-se a abrir, desejando saber quem era que tão cedo me procurava. O crepusculo permitiu-lhe ver um homem, que lhe entregou um caixote, dizendo:—«O Senhor...(Polly não pôde perceber o nome) manda isto ao senhor vigario e recommenda-lhe que tenha muito cuidado com o que contém.»

Polly pegou no caixote e o homem desapareceu. Veiu bater-me á porta devagarinho para se certificar se eu estava acordado, e tendo-lhe eu respondido, entrou felicitando-me e desejando-me um anno feliz, e depois rindo, disse-me:

—«Os meus sonhos começam a realisar-se, e aqui lhe trago meu pai, sem duvida, a mitra de bispo.»

Senti que não tomasse informações e se certificasse do nome da pessoa que me enviava o caixote.

Polly saiu para accender uma luz, eu vesti-me logo á pressa pela curiosidade que tinha de ver o que trazia o caixote.

Fui á sala e ahi encontrei as minhas filhas em contemplação diante do caixote, hermeticamente fechado, com um letreiro aonde se lia o meu nome. Quiz levantar o caixote e acheio bastante pesado, tendo na tampa dois orificios. Abri-o com grande precaução attenta a recommendação feita a Polly, e levantando um veu muito fino ficámos espantados de encontrar um menino de seis a oito semanas envolto em ricas faixas côr de rosa. A sua cabeça descansava sobre uma almofada de seda azul, e um pequeno cubertor resguardava o menino do frio.

Ficamos alguns minutos sem articular palavra, até que

todos a um tempo exclamámos:—«Que faremos desta creança?» Isto não póde confundir-se com uma mitra de bispo. Jenny acaraciava suavemente o rosto do menino, dizendo-lhe — Triste de ti que não tens mãe!— Que dureza a de teus paes abandonando um filho tão querido?—Repara Polly, veja meu pae como elle dorme tão socegado! Dir-se-ia que comprehende a Providencia que véla por elle. Pobre menino, não te havemos abandonar! Trouxeram-te para cá, pois eu serei tua mãe!»

Jenny dizendo isto, deixou correr as lagrimas, e eu estreitei contra o meu coração aquella alma tão doce e compassiva. — «Sê sua mãe, lhe disse. Os filhos da desgraça dirigem-se aos desgraçados. E' verdade que não sabemos como passar o dia de amanhã, mas sabe-o Deos, e é o que basta.

A nossa resolução foi prompta, e em quanto o menino dormia, não cessavamos de conjecturar quem seriam seus paes, mas havemos saber quem são, pois que se dirigiram a mim e á minha casa.

Minhas filhas logo se combinaram ácerca dos cuidados que a creança requeria. Em quanto a mim julguei que o anno novo me começava uma era de milagres, e pareceu-me que aquella creança era um snjo enviado por Deos para me consolar nas minhas desditas.

No mesmo dia á noite

Voltei hoje muito cansado da minha expedição. Vi-me obrigado a andar muito tempo a pé e por caminhos quasi intransitaveis, mas logo que cheguei a casa para descansar, encontrei boas novas. A meza estava posta e n'ella encontrei uma garrafa de vinho generoso para me restaurar as forças perdidas. E' um presente de bons annos que me enviou mão caritativa e desconhecida.

Mas o que mais me alegrou foi ver nos braços de Jenny o nosso novo filho, e Polly entregou-me uma carta encontrada dentro do caixote em que viéra a creança, e que me era dirigida.

Apressei-me a abril-a, esperando achar alguns dados á cerca da origem do nosso novo companheiro. A carta continha um rolinho com vinte libras, e dizia assim:

«Os paes que vos entregam a sorte de seu filho tem absoluta confiança no nosso animo bondoso e na vossa caridade. Não o abandoneis. Quando um dia nos for permitido declarar-nos, mostraremos todo o nosso reconhecimento. Ainda que distantes não perderemos de vista o nosso filho e saberemos tudo quanto por elle fizerdes. Chama-se Alfredo e já foi baptisado. Incluso encontrareis a quantia necessaria para as suas despesas no primeiro trimestre. Uma somma igual vos será entregue com toda a exactidão todos os tres mezes. Tratae-o bem e recommenda-mal'-o especialmente á ternura da vossa boa Jenny.»

Com a leitura desta carta Polly começou a pular de contente, dizendo:—«eis aqui a mitra episcopal, que fortuna! Já nos não importa deixar a nossa miseravel vigararia, e todavia não tenho lá muitos motivos para estar satisfeita. Creio que a carta poderia tambem nomear-me.

A carta foi lida algumas dez vezes.

Que bello presente para o anno novo! De repente vemos nos livres de cuidados para o futuro. Mas é coisa singular, por mais que scismei quem poderia lembrar-se de mim para tal encargo, não o pude advinhar, e limitei-me a adorar os decretos insondaveis da Providencia.

3 de Janeiro.

Chegam-se todas as venturas a um tempo. O correio acaba de trazer-me um segundo embrulho de dinheiro contendo doze libras esterlinas com uma carta de mr. Flett-mam. Por cada scheling da-me uma libra! A sua posição deve ter melhorado muito, segundo mesmo elle diz. Por desgraça não me é possivel mostrar-lhe a minha gratidão, porque na sua carta não me dá indicação alguma da sua residencia. Por este modo espero pouco a pouco satisfazer o que devo a mr. Withiel pela fiança de Brook.

Não é possivel descrever a alegria de minhas filhas com

tão boa noticia. Jenny tornou-se muito corada, e Polly entrou a bater ás palmas.

Dizia assim a carta de mr. Flettemann:

«Quando abandonei o vosso lar, acreditei que deixava a casa paterna para entrar no deserto da vida. Em quanto existir não me hão de esquecer as poucas horas que passei ao vosso lado. Sempre vos tenho presente na memoria, rico no meio da pobreza, de uma caridade verdadeiramente christã, e de uma grandeza de alma impossivel de descrever. Tambem me recordo da vossa querida Jenny, tão meiga e tão alegre, e de sua irmã, que para elogiar não tenho expressões, e que como sancta diffunde uma luz celeste em tudo quanto a rodea. Como esquecer o momento em que veio entregar-me os vossos doze schlings, assim como as palavras de consolação que a caridade soube inspirar-lhe? Não se admire v... pois, se guardei como recordação preciosa aquelles doze schlings, que não trocaria por cem libras. Espero poder mostrar-vos pessoalmente a minha gratidão. Nunca me considerei tão feliz nem tão desgraçado. Recommenda-me a vossas encantadoras filhas, se é que não esqueceram o pobre actor.»

Em vista disto é claro que voltará. Desejo com anciedade que se me proporcione essa occasião de lhe agradecer. Talvez no excesso do seu ronconhecimento esse rapaz me enviasse quanto possuia, pela mesma razão porque eu lhe dei metade de quanto tinha, o que sentiria muito.

O pequeno Alfredo parece estar satisfeito comnosco. Minhas filhas tratam delle com mais cuidado e carinho do que eu suppunha. E' verdade que é uma encantadora creança. Comprámos-lhe um berço magnifico e tudo quanto precisava. Jenny quiz que o berço ficasse ao pé da sua cama. De dia e de noite véla por seu filho adoptivo, como se fosse o anjo da sua guarda.

No mesmo dia.

Chegou hoje com sua mulher o novo vigario, e rogou-me que o procurasse, o que fiz immediatamente. E' um homem agradavel e attencioso. Disse-me que queria quan-

to antes entrar no exercicio das suas funcções, caso eu não tivesse objecção a fazer-lhe, que podia todavia ficar na casa até á Pascoa, que elle até então ficaria n'uma casa do administrador Fieldson.

Respondi-lhe que podia desde já começar a exercer o seu ministerio, e que só lhe pedia licença para me dirigir aos meus parochianos n'um sermão de despedida.

Disse-me que sim, e que no dia seguinte iria ver a casa destinada ao vigario; e com effeito veio acompanhado de sua mulher e do administrador. A esposa parece-me orgulhosa, nada lhe pareceu bem, e apenas se dignou olhar para minhas filhas. Quando observou o menino Alfredo no berço, voltou-se para Jenny, e perguntou-lhe se era casada. A esta pergunta a minha pobre Jenny tornou-se bastante corada e fez com a cabeça um signal negativo, pronunciando algumas palavras. Accudi em seu auxilio, e contei a maneira singular porque aquelle menino nos fôra enviado. A esposa do novo vigario escutou-me e voltou-me as costas com malicioso sorriso. O vigario parece obedecer da maneira mais submissa aos gestos de sua mulher. Sahiram a final, o que muito nos satisfiz.

13 de Janeiro.

A viagem que fiz a Trowbridge teve um resultado que excedeu as minhas esperanças. Já estava a noite bastante adiantada quando as minhas pobres pernas me conduziram áquella cidade. Assim que cheguei descancei n'uma estalagem, e depois apressei-me a procurar mr. Withiel, que mora n'uma casa magnifica.

Recebeu-me ao principio com friesa, mas quando lhe disse o meu nome, levantou-se, e conduziu-me ao seu gabinete. Agradei-lhe a bondade com que me escrevera, contei-lhe a minha posição e os motivos que me tinham levado a prestar aquella fiança, e em seguida quiz entregar-lhe por conta da minha divida as doze libras que me enviara mr. Flettmann.

Mr. Withiel olhou-me por largo tempo e a sua physio-

nomia demonstrava a mais viva emoção. «Conheço-o, senhor, me disse apertando-me cordealmente a mão, e estou informado de que é um homem honrado. Guarde as suas doze libras, na situação em que o vejo não tenho animo de aceitar-lhe esse presente do anno novo. Prefiro fazer-lhe outro, que terá a bondade de não recusar.»

Levantou-se, foi procurar um papel, e mostrando-me, disse: Conhece-o? E' a fiança que prestou. Faça-lhe presente d'elle e a suas filhas.» E, rasgando-o mo entregou em bocados.

Estava de tal modo confundido, que não soube agradecer-lhe se não com lagrimas, e elle vendo a minha emoção, não quiz que eu fallasse mais em similhante assumpto, dizendo-me que o mesmo teria feito a Brook se lhe tivesse fallado com franqueza.

Não conheço homem mais generoso que mr. Withiel. Apresentou-me a sua mulher e a seu filho, mandou buscar á estalagem a minha pequena bagagem e quiz por força que eu ficasse em sua casa. Fui tratado como um principe. A alcova, a cama, as almofadas, tudo era no maior luxo, e no dia seguinte mandou conduzir-me a casa na sua carroagem. Minhas filhas choraram de alegria quando lhe contei tudo isto, dizendo-lhes que orassem pela felicidade d'aquelle bemfeitor.

16 de Janeiro.

O dia de hontem será sempre o mais memoravel da minha vida.

Estava-mos reunidos na sala, e tinha o menino Alfredo sobre os meus joelhos. Polly entretinha-se a lêr, e Jenny que bordava sentada á janella, levantou-se pallida como a morte. Assustados, perguntámos-lhe o que tinha, e ella fazendo um esforço para sorrir, só nos pôde dizer = «Está alli=»

A porta abriu-se logo e entrou mr. Flettemann ricamente vestido. Rocebemo-l'o cordealmente, exprimindo-lhe a nossa alegria pela sua volta, e especialmente porque as apparencias denotavam ter melhorado muito de forttnna. Abraçou-

me assim como a Polly, e fez uma profunda inclinação a Jenny, ainda tomada de surpresa não pôde occultar a sua palidez a mr. Flettemann, que se apressou a perguntar-lhe pela sua saúde. Tendo-lhe contado Polly a emoção que sua irmã acabava de experimentar, apertou cordealmente a mão de Jenny, pedindo perdão do susto que lhe causara. A palidez no rosto de minha filha foi substituída por lindíssimas cores, semelhantes ás de uma rosa que áca de desabrochar.

Mandei servir a meza de pasteis e vinho para receber o nosso hospede mais dignamente que a primeira vez. Ao principio nada quiz aceitar, pretextando que era esperado na estalagem, mas depois tomou um calix de vinho.

Como disse que era esperado na estalagem, julguei que o fosse por alguma companhia de comicos, e perguntei-lhe se tencionava dar alli algumas representações. Riu-se da minha pergunta, e respondeu-me:

«Vamos representar um drama, mas os espectadores não pagam coisa alguma pelos seus logares.»

—São muitos os artistas? perguntou Polly.

—E' só um cavalheiro acompanhado de uma dama, mas asseguro-lhe que ha de gostar d'elles.

Jenny estava muito seria, e olhando tristemente para mr. Flettemann perguntou-lhe se tambem ia representar; ao que lhe respondeu que não só elle, mas que ella tambem havia representar como uma das partes mais importantes do drama, e continuando, disse-lhe:

—A menina é que deve determinar o que devo fazer.»

Jenny abaixou os olhos e continuaram ambos a fallar em voz baixa, e embora Polly e eu prestassemos a maior attenção não percebemos coisa alguma, só o que observei é que mr. Flettemann parecia vivamente commovido com as respostas de minha filha.

A final Polly voltando-se, disse que elles começavam já a representar o drama, e eu, para fazer terminar a conversação, enchi os copos e propuz uma saúde ao nosso bem-feitor. Mr. Flettemann, dirigindo-se a Jenny, disse «Bebo á saúde da nossa felicidade.» Jenny com a mão sobre o peito correspondeu a esta saúde e bebeu.

O nosso hospede estava muito alegre, e aproximando-se ao berço começou a considerar attentamente o menino. Tendo-lhe Polly contado como a Providencia nos deparára aquella creança, disse-lhe elle a rir:

—Pois não me conheceu quando lhe fiz este presente no dia do anno novo?

Vendo a nossa surpresa, aproximou-se e disse:

—«Eu não me chamo Flettemann, sou o barão Cecil.—Fayrford. N'uma longa e desgraçada demanda que sustentei com meu tio, este soube, auxiliado pela chicana, privar-me e a minha irmã da fortuna de nossos paes. Meu tio que era tutor de minha irmã, quiz obrigar-a a casar com um seu amigo, mas ella recusou, e logo que chegou a maior idade casou com lord Sandow.

«A vingança de meu tio e do seu amigo chegou a ponto que denunciaram meu cunhado como auctor de uma conjuração politica.

«Advertido a tempo, lord Sandow pôde salvar-se em França com sua esposa; mas não querendo expor seu filho aos perigos de uma fuga precipitada, confiaram mo, rogando-me lhe procurasse um asylo impenetravel, até que meu cunhado pudesse provar a sua innocencia. Foi então que ouvi fallar da caridade do senhor vigario, e vim aqui para me assegurar da verdade ácerca das informações que recebera, e a maneira porque fui tratado convenceu-me de que não poderia encontrar melhor familia a quem entregasse meu sobrinho.

«De então para cá ganhei a minha demanda e entrei na posse da consideravel fortuna de meu pae. Meu cunhado pôde tambem confundir os seus inimigos e voltar a Inglaterra; e logo que chegou quiz ver seu filho, e eu acompanhei-o aqui para fazer uma proposta que espero não seja recusada.

«Em quanto durou a minha demanda vagou um vicariato que é pago pela minha familia. Posso dispor d'este logar que rende para mais de duzentas libras, e agradecei muito ao senhor ex-vigario desta parochia se aceitar uma collocação que o torna meu visinho.»

Só Deos sabe o que experimentei ao ouvir tão agradável proposta. As lagrimas de alegria vieram espontaneas, e corri de braços abertos para aquelle homem que me estreitou nos seus. Polly abraçou-me tambem dando gritos de jubilo e Jenny beijava com reconhecimento a mão do barão. Este profundamente commovido, arrancou-se dos nossos braços e saiu.

Minhas filhas ainda estavam abraçadas comigo, e minhas lagrimas não tinham cessado de correr, quando o barão tornou a entrar acompanhado de lord Sandow e de sua esposa. Era uma senhora linda, que sem ao menos nos cumprimentar correu para o berço de seu filho a quem beijou e acariciou por largo espaço. Seu esposo fez outro tanto e custou muito a acalmar a emoção que ambos experimentavam. Depois agradeceu-nos com as expressões mais affectuosas, e Polly indicou sua irmã como unica a quem competia esse reconhecimento.

«Eis aqui, lhe disse, quem serviu de mãe a este menino.»

Lady Sandow adiantou-se para Jenny, que se retirara para o vão do uma janella, considerou-a largo tempo silenciosamente, e depois olhando para seu irmão, abraçou-a.

Jenny, não se atreveu a levantar os olhos, e lady Sandow disse-lhe que não podia mostrar o quanto lhe era reconhecido o seu coração de mãe, senão fazendo-a sua irmã. O barão aproximou-se, e perguntou a Jenny se queria ser para elle mais alguma coisa que irmã.

— Que posso eu dizer ao bemfeitor de meu pae? disse Jenny senão que o amo muito.

O barão pegou na mão de Jenny, e ambos se me dirigiram, pedindo-me que os abençoasse como filhos.

Assim o fiz, chorando de prazer.

—Eis a mitra com que eu sonhei, disse Polly.

Debalde pertenderia descrever as emoções deste ditoso dia. Tão grande prezer não me cabe no peito.

AS LAMPADAS

Em todos os tempos o homem sentiu a necessidade de supprir por uma luz artificial, aquella que lhe recusava, durante uma parte da resolução diurna, o rei das plantas.

A noite desenrolando o seu negro manto, tornava melancolica a sua existencia, condemnando-o a longas horas de inercia. Na infancia das sociedades o homem usou de meios grosseiros e informes. Simples lascas de madeira, fragmentos de plantas dessecadas, ramos arrancados do tronco de algumas arvores que ardiam mais facilmente, formaram provavelmente os seus primeiros archotes. Mais tarde a experiencia, a invenção e o desejo de progredir, lhe offereceu meios mais vantajosos. Os corpos inflammaveis, as resinas, os oleos foram submettidos a felizes ensaios, e o homem conheceu com alegria o apreheçoamento n'um objecto de tanta necessidade para a sua existencia.

A palavra lampada vem do grego (*lampas*); ou como pretendem outros de *lucnos*. Usava-se das lampadas no Egypto, na Judea e na Grecia desde a mais remota antiguidade. A historia refere-nos que os habitantes da India e

da Asia possuiram desde os mais antigos tempos o segredo de transformar a cera em substancia combustivel. Comtudo o uso não era ainda conhecido dos gregos e troyanos no tempo do cerco de Troya.

Homéro refere na sua Odysêa (historia d'Ulyses) que os amantes de Penélope collocaram na sala tres brazeiros para allumiar, alimentados por madeiras odoríferas.

A invenção das lampadas é attribuida aos Egypcios que na festa de Minerva Saitida, se alumiam com lampadas alimentadas com azeite e sal preparado com resina.

Herodoto conta que o rei Micérinus fez esclarecer o seu palacio com um grande numero de lampadas, afim de multiplicar, pela sua claridade, o numero de dias que lhe restava para viver.

O costume das lampadas no oriente é indicado nos livros santos como tendo precedido Job e Abram. Na Italia, foi tresentos annos depois de Tranquino (o antigo) que se viram apparecer. Alguns vasos gregos e etruscos representaram no seu ornamento lampadas, tornando-se notavel aquella em que está figurado Mercurio, esclarecendo o mestres dos deuses.

Empregavam-se nas festas religiosas, nos templos e ante as estatuas dos deuses: Salomão consagrou no templo de Jerusalem, dez candelabros de oiro com lampadas. Callimaco consagrou egualmente uma lampada de oiro ante a Diana d'Athenas. Polinio, um dos auctores mais celebres da antiguidade, falla de uma especie de magia no meio das lampadas (tom VIII, pg. 333) que muito se parece no meio empregado recentemente para a evocação dos espectros pela reflexão da luz, o que faz suppôr que desde esta época se conheciam os espelhos ou então que se operava sobre placas de metal polidas, o que nos leva a pensar que a maior parte das invenções que surgem na nossa época foram conhecidas dos antigos, afóra os aprefeiçoamentos que proveem do progressos da industria.

S. João Chrysostomo falla de um meio singular empregado para dar um nome ás creanças:

Muitas lampadas eram accesas, diz elle, nas quaes se via

um nome em cada uma; a ultima que se extinguia era a que dava o nome á creança.»

Os que tinham assistido ao festim recebiam, segundo o costume, uma lampada de prata: davam-se tambem como alviçarás.

As lampadas antigas teem varias formas, d'um braço, de animaes, aves, etc.; são ornadas de figuras mythologicas, inscripções relativas ao fim a que eram destinadas. As dos christãos, tinham algumas o monogramma de Christo.

Serviram-se das lampadas para as illuminações nos festejos mais selemnes. A cidade de Boma foi toda illuminada uma occasião desde os jogos scenicos mandados preparar por Caio Augusto. Sob o reinado de Domiciano, houve uma festa no Circo á luz das lampadas; illuminou-se tudo mesmo em pleno dia, da mesma maneira como na chegada de Nero, na sua viagem á Grecia.

As lampadas primitivas eram de terra e forma muito grosseira; mas á medida que a civilisação estendia os seus raios beneficos, este ramo industrial adquiriu um alto grau de perfeição e elegancia; os metaes precisos foram empregados ja fundidos, esculpidos, cinzelados, damasquinados e com diversos ornamentos.

Os antigos collocaram as lampadas sobre uma collumna delgada e elevada, para projectar a luz em toda uma sala, ou suspendidas ao tecto.

Costa Goodlophim.

COMPANHIA GERAL

DE

CREDITO PERDIAL PORTUGUEZ

temos por esta companhia o maior e o mais justificado interesse, tanto pelas vantagens que offerece a todo o paiz, como pelo grande numero de procurações com que muitos cavalheiros nos tem honrado para ahi solicitar-mos o andamento de suas pretensões e propostas. Não deve admirar pois a dedicação com que consignamos sempre algumas paginas do nosso *Paquete* a esta instituição de credito.

O governo da companhia tem ultimamente tomado muitas providencias, dignas do maior louvor, para que as propostas de emprestimo sejam resolvidas com mais promptidão; e entre ellas notaremos a reforma do regulamento para o andamento das propostas, supprimindo tranmites que não serviam senão para demorar as resoluções finaes, com grave prejuizo da mesma companhia e das partes que ali tem negocios a resolver.

Supprimiu-se a ida dos respectivos processos ao tabelião, e bem assim aos adjuntos do membro do conselho designado para relator. Esta reforma abrevia pelo menos o prazo de 8 dias. Tambem agora se manda proceder ás informações sobre o valor e rendimento das propriedades, em quanto

as propostas seguem os tranmites que não podem deixar de seguir, e ahí temos nós também mais oito ou dez dias de menos demora para as partes, conforme as distancias.

Neste ponto porem obriga-nos a consciencia a insistir para que similhante methodo de informações seja inteiramente abandonado e substituido pelas prescripções do art.º 24 dos estatutos.

Diz este artigo :

«A avaliação dos predios offerecidos como hypotheca, póde fazer-se é face dos titulos de compra, contractos de arrendamento, recibos de contribuição, e quaesquer outras informações dadas pelo proprietario que pertender o emprestimo; mas a companhia tem o direito de recorrer a quaesquer outras informações, e de mandar avaliar o predio por peritos da sua nomeação, devendo a avaliação ser sempre baseada sobre o rendimento liquido e o preço venal dos predios.»

O governo da companhia, nas informações a que manda proceder, tem um fim muito louvavel, qual o de evitar as despesas da avaliação aos proponentes; mas essa economia longe de ser um bem para a companhia e para os proponentes, póde redundar em grave prejuizo d'aquella e destes.

O governo da companhia póde dirigir-se, e cremos que o tem feito, a pessoas de sua completa confiança; mas não sabe, nem póde saber, as relações de amizade ou inimizade dos informadores com os proponentes, o que muito póde influir na exactidão das informações. Se o predio é de um amigo talvez se diga que vale vinte o que não vale dez; e se pelo contrario pertencer a um inimigo politico, aproveita-se a occasião para a vingança, dizendo-se para cá que não vale dez o que vale trinta.

Ha ainda uma outra circumstancia a observar, que essas informações são, pela maior parte das vezes, dadas officiosamente, sem retribuição alguma aos informadores, e todos nós sabemos o que valem neste paiz serviços gratuitos. Os informadores, para se não incommodarem muito, por isso que do seu incommodo não tem retribuição, nem sempre irão informar-se pessoalmente, vendo e examinando detida-

mente os predios, e não poucas vezes hão de basear as suas informações n'outras, que pôde succeder não sejam exactas, respondendo para cá unicamente para satisfazer aos pedidos que se lhes fazem.

Entendemos pois que o governo da companhia deve ter nas capitaes dos districtos administrativos, e mesmo nos concelhos, principalmente nos que forem cabeças de comarca, peritos de sua nomeação que avaliem as propriedades que se offerecerem para garantia dos empréstimos, retribuidos sendo responsaveis perante os respectivos juizes de direito, pelas avaliações que fizerem.

Este systema traz, sem duvida, alguma despesa, mas deve considerar-se productiva toda a despesa que tiver por objecto a verdade nas transacções.

Pedimos aos illustrados membros do concelho que attendam a estas ponderações para obviar os inconvenientes dos informadores officiosos.

Outra observação temos a apresentar, digna de ser considerada.

Exige-se aos proponentes, quando são foreiras as propriedades, licenças dos senhorios directos, sendo essas propriedades prazos em vidas.

A lei hypothecaria de 1.^o de julho de 1863 acabou com as licenças dos senhorios para as hypothecas, e supposto essa lei não esteja ainda em execução, foi todavia publicada no *Diario de Lisboa*, e a doutrina ahi se acha consignada e estabelecida nos mais solidos principios de justiça.

A maior parte dos senhorios presta-se a dar as licenças que se lhes pedem; mas conhecemos um que para a passar, só o fez dando-lhe o emphytenta um laudemio na importância de 170\$000 réis !!....

Esse mesmo senhorio fez a outro emphytenta a mesma exigencia a que elle se não quiz prestar. Este pediu o supprimento da licença ao poder judicial, o senhorio veio com embargos, e lá corre uma demanda que é provavel chegue até ao supremo tribunal de justiça, na qual tem o pobre emphytenta de gastar muito dinheiro; e no entanto está a sua proposta parada na companhia!...

Isto é barbaro! Todos os jurisconsultos que temos consultado a semelhante respeito, inclusivé aquelle que mais trabalhou, estudou e se esforçou para que o paiz fosse dotado com uma boa lei hypothecaria, o sr. conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, par do reino, ministro de estado honorario, aquelle a quem o povo chama justamente o mestre da lei por seus profundos e variados conhecimentos juridicos, respeitado no paiz e no estrangeiro pela sua sciencia, demonstrada nas obras de direito que tem publicado, elle e outros são do opinião que taes licenças não são precisas depois da publicação da lei do 1.º de julho de 1863.

E se isto assim é, não seria conveniente para o companhia, porque assim facilitava mais as transacções, dispensar a licença dos senhorios?

Ha ainda outros estorvos que seria conveniente obviar.

Exige-se a certidão de legados pios.—E assim deve ser em todos aquelles bens que pertenceram a morgados ou capellas; porque é muito possivel haver alguma divida desses legados ao hospital; mas, nas propriedades que pelos titulos se conhece nunca terem sido vinculadas em morgado ou capella, para que é semelhante exigencia? Entendemo-l'a tambem muito dispensavel em todas as propriedades que se mostrarem pelos respectivos titulos livres de encargos.

Exige-se mais uma certidão de corrente com a fazenda publica, alem da apresentação dos tres ultimos conhecimentos de decima. Tambem é bem entendida esta exigencia, mas devia precisar-se o numero de annos a que o escrivão de fazenda tem de referir-se; pois que do contrario succede referir-se aquelle funcionario até ao tempo da instalação das recebedorias, levando uma exorbitante somma de emolumentos em relação ás buscas.

E tambem estas tornam muito despendiosas as certidões do registo das hypothecas em referencia aos livros anteriores e posteriores á instalação do mesmo registo. Ora, determinando a lei que para a validade dos registos sejam estes renovados de dez em dez annos, é claro que bastaria se marcasse o prazo de quinze, ou mesmo vinte annos, pa-

ra a referencia destas certidões; pois ainda que apparecesse algum registo anterior, é claro ter caducado pela falta de renovação.

As considerações apresentadas são filhas da experiencia em relação aos obstaculos que temos encontrado na vida a que nos dedicámos, de promover na Companhia Geral de Credito Perdial Portuguez os interesses dos mutuarios, considerações que mais cedo ou mais tarde hão de ser tomadas na devida conta.

— Dedicando este artigo á mesma companhia, não será fóra de proposito o lembrar-mos aos accionistas a conveniencia de pôr um termo aos pleitos intentados em França, e aos que no paiz pódem intentar-se por despezas de primeira fundação. A assembléa geral está convocada para a noite de 28 do corrente, a fim de tomar conhecimento das reclamações dos srs. barão de Lagos e duque de Saldanha.

Essas reclamações, como já exuberantemente o demonstrámos em os nossos numeros anteriores, são fundamentadas nos mais solidos principios de justiça e de equidade. Assim o reconheceu o conselho de estado, e assim o tem reconhecido o governo em varias portarias dirigidas á companhia.

Os fundadores francezes, e cremos que alguns dos portuguezes, não se oppõe a que essas reclamações sejam feitas, e só quizeram saber o modo pratico de resolver a questão.

Esse modo pratico foi já proposto, e mais ou menos modificado, está no caso de servir de base a um accordo honroso e conveniente para a companhia e para os reclamantes.

Consta-nos que a companhia mandára imprimir todos os documentos em que se fundam essas reclamações, o que é muito louvavel, mas quizeramos que a assembléa geral na sua primeira reunião permitta que os reclamantes sejam chamados á barra, para sustentarem as suas reclamações e sobre ellas, ou sobre as modificações que por ventura se proponham, serem ouvidos como é de justiça.

Se nos tribunaes são unicamente julgados á revelia os individuos que se recusam a comparecer, não deve a as-

sembléa geral da companhia entrar em discussão de tão serio assumpto sem que os interessados sejam convidados a comparecer por si, ou por pessoas que legalmente possam representa-los.

Esperamos que assim se proceda por ser este um acto de dignidade propria a que a assembléa geral não saberá fallar.

M. J. Cabral.

COLONIAS

Passaram os ultimos annos do seculo 18 sem que experimentasse Angola variação notavel no seu existir ou prosperar. Entretanto deve notar-se, que os dois governadores, D. Manoel de Almeida e Vasconcellos (1790) e D. Miguel Antonio de Mello (1795) procuravam não desmerecer do seu illustre antecessor, e se empenhavam no aperfeiçoamento de algumas das obras por elle começadas.

Durante estes dois governos e o de D. Fernando Antonio Soares de Noronha (1800), foi concluida a guerra com o marquez de Mossul, que se avassallou á corôa portugueza em 1792. O exercito tinha sido reforçado com recrutas que foram levados dos Açores, e com degradados trazidos do Rio de Janeiro; e fôra armado e equipado conveniente-mente.

Realisaram-se varios melhoramentos na cidade; melhorou-se a explanada do forte de S. Miguel; concertou-se o caes da alfandega, reparou-se a fortaleza do Penedo, o fizeram-se plantações de arvores em differentes pontos.

O palacio do governador foi reformado, e aformoseado, e

foi construido um forno de experiencia para o ferro de Gulongo, debaixo da direcção do degradado José Alvares Maciel.

Em 1800 construiu-se a fabrica de ferro da Hamba; e n'esse mesmo anno começou a dar-se ordem a tentar uma expedição pelo interior para a costa oriental, assim como, se fosse possivel o prolongamento de presidios pela mais afastada margem do Coanza, conforme ao conselho dado pelo celebre dr. Lacerda.

Tambem n'este anno de 1800 se determinou que se procedesse á exploração das ricas minas de cobre de Angola.

Foram prohibidos (1801) os enterramentos nas igrejas, e ordenou-se a construcção de cemiterios, e, alem d'isto, foi edificado o telheiro de resguardo, dito do Ribeirinho, para as embarcações do arsenal de Loanda.

Tendo findado o governo de Soares em 1806 (no qual anno se retirou para Portugal) começou a governar Angola Antonio de Saldanha da Gama, ao depois conde do Porto Santo, em 1807. No intervallo tinha exercido as funcções governativas uma junta composta do bispo, do commandante militar e do ouvidor.

O governo de A. de Saldanha da Gama tornou-se notavel, e digno de muito louvor.

Saldanha da Gama restabeleceu todas as providencias de Sousa Coutinho, tendentes a melhorar a situação d'aquella tão importante possessão portugueza, e muitas das providencias do illustre Sousa Coutinho foram aperfeiçoadas com muita utilidade publica.

Exploraram-se as minas de ferro e de cobre dos sertões de Angola, e as de enxofre de Benguella, as quaes todas produziram abundantemente; e foi promovida com efficacia a agricultura. Descobriram-se alguns novos productos como a gomma copal, o cardamomo etc. com o que muito lucrou o commercio.

Não contente d'estes trabalhos, e dos bons resultados por via d'elles obtidos, e apreciando devidamente de quão grande vantagem havia de ser para a prosperidade de uma e outra Africa o estabelecimento da correspondencia entre

ambas pelo interior, diligenciou descobrir caminho pelo sertão para a costa oriental.

Era asada a oportunidade, porque marchava então de Tete o governador dos Rios de Sena o celebre dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, á frente de uma expedição por elle á pressa preparada com direcção ao Casembe. Saldanha da Gama queria que a expedição que sahisse de Angola fosse encontrar-se no Cazembe com a de que era commandante o dr. Lacerda. Este, vencidas infinitas difficuldades, realisou o seu intento, e chegou ao Cazembe. Infelizmente alli succumbiu ás febres de que fôra atacado desde o principio da sua viagem. Entretanto por boa fortuna ficou-nos o seu *Diario*, e a nota das suas observações astronomicas, summamente estimadas por se ter verificado posteriormente que foram todas feitas com a maior diligencia e exactidão. O que faz tanta maior honra ao dr. Lacerda, quanto é certo que se achava envolvido em trabalhosas fadigas, e que a falta de saude tornava mais angustiosa a sua pessoal situação. O *Diario* do dr. Lacerda tem sido e será de muito proveito aos viajantes nacionaes e estrangeiros, e a todos que por qualquer motivo pretendem tomar conhecimento d'aquella parte dos sertões africanos.

Tratou pois Saldanha da Gama de fazer sahir de Angola a expedição, que devia encontrar-se com a de Lacerda, e foi incumbida ao zelo e experiencia de dous commissiionados do director da Feira de Cassange, o tenente-coronel Francisco Honorato da Costa. Este não se forrou ao trabalho, antes com a melhor vontade, e decidido patriotismo, formou o plano que julgou mais acertado; e, depois de abrir communicações com alguns poderosos potentados, e com elles se ter concertado, fez partir a expedição, convenientemente apparelhada, sob a direcção dos alludidos seus commissiionados Pedro João Baptista e Amaro ou Anastacio Sosé, mas d'aquelle principalmente. Conseguiram estes penetrar até ao Casembe, onde, pelos motivos que P. G. Baptista refere no seu *Diario*, ficou a expedição detida até 1811, no qual chegou a Tete, d'onde regressou pelo mesmo caminho para Angola em 1815.

O serviço prestado pelos commissionedos de Honorato da Costa foi de muito grande alcance, e como tal desde logo avaliado, e remunerado. Pedro João Baptista deu incontestavel documento de muita intelligencia, de muita coragem, e de uma paciencia e tenacidade a toda a prova. Faltavam a Pedro João Baptista as condições scientificas necessarias, para que o *Diario* por elle escripto fosse de tanta vantagem quanto era de desejar, porém, ainda assim, é de muita valia, não só pelas informações que se n'elle encerram; mas tambem por que poz em evidencia que não eram insuperaveis as difficuldades, que se oppunham ao pretendido estabelecimento da communicação e correspondencia entre uma e outra costa; e de mais a mais deixou rasto para ser aproveitado e seguido por futuros e aventureados investigadores. Effectivamente da combinação das noticias, posto que dadas em estilo e condições tão diversas do dr. Lacerda e do commissionedo Pedro João Baptista, se tem servido cuidadosamente os viajantes modernos, tirando d'ahi muita utilidade para o adiantamento dos conhecimentos geographicos, e do interior do paiz. A maior parte d'esses viajantes não o confessam; porém é isto obvio a todo aquelle que meãmente é instruido nas cousas de uma e outra Africa. Que importa que, ingratos, não se confessem devedores áquelles illustres viajantes portuguezes? As cousas, mais poderosas do que os homens, fazem justiça inexoravel, e não deixam duvidosa nem a divida nem a ingratidão.

Desejando fazer conhecida praticamente do governo da metropole a utilidade, que devia recolher-se das possessões africanas, sendo administradas com intelligencia e zelo, enviou Saldanha da Gama ao Rio de Janeiro o seu ajudante, o capitão Luiz Antonio d'Abreu e Lima (hoje conde da Carreira) a appresentar a S. A. o Principe Regente ricas amostras de ferro, cobre, gomma copal, petroleo, cardamomo etc., etc., o governo tendo em devida conta o bom serviço do governador d'Angola, attendeu desde logo algumas das suas fundadas reclamações, e, concedendo-lhe os louvores merecidos, o animou a proseguir no caminho que tão dignamente tinha encetado.

Entretanto não deixava o digno governador de attender a outros graves cuidados, e por isso, tomando na devida conta os queixumes e justas representações dos Sovas do Golungo, os isentou da obrigação que lhes estava imposta de darem carregadores para o serviço dos aviados; commutando-lh'a no tributo de cem pequenas barras de ferro pagas annualmente.

Tambem lhe mereceu, como já indiquei, séria diligencia a exploração das minas de enxofre de Benguella, a qual promoveu largamente.

No Dandi creou uma caudelaria, e em Loanda concluiu o cemiterio, e acabou com os enterros nas igrejas.

A aula de mathematica, devida á esclarecida providencia do illustre D. Francisco Innocencio, foi restaurada em 1809.

O governo de Antonio de Saldanha da Gama foi um, dos bons governos de Angola.

(Continúa.)

D. J. de L.

SAUDADE

Á MEMORIA DO MEU PREZADÍSSIMO AMIGO
HENRIQUE LUIZ FEIJÓ DA COSTA

Quando pela primeira vez sahi da minha patria, em setembro de 1844, trazia o coração repassado de dor e de amarguras, como acontece a todos que se desprendem pela primeira vez dos braços de uma mãe carinhosa, e de irmãs que estremeceem; mas n'esta hospitaleira Lisboa tive a fortuna de encontrar immediatamente corações nobres e generosos, que me dulcificaram os pesares e me estenderam mão protectora.

Entre as familias illustres que me abriram de par em par as portas das suas cazas, admittindo-me á intimidade domestica, nunca me esquecerei da do meu chorado amigo José Luiz da Costa e de sua ex.^{ma} esposa a sr.^a D. Maria do Carmo Feijó da Costa, que tanto me animaram e obsequiaram, de modo que a esta fiquei sempre tratando, e ainda hoje trato, por *minha madrinha*.

E, na verdade, se o nome de madrinha significa o de protecção, ninguem a sabe dispensar com mais delicadeza nem com mais carinho e amizade extremosa.

A madrinha dedicava então todos os cuidados á educação

do seu filhinho Henrique, que me foi apresentado apenas com dois annos de idade.

Muitas vezes o acariciei e lhe pegava ao collo, como a irmão querido. Vi-o crescer e desabrochar-lhe um talento singularissimo até aos nove annos, em que tivemos de nos separar, vaticinando-lhe então um futuro brilhante pelo amor que já consagrava ao estudo.

Deixei-o ainda menino em 1851, e 10 annos depois, quando de novo o destino me conduziu a esta capital, encontrei-o homem, considerado por todos pelo seu talento peregrino, amado por suas virtudes, querido pela nobreza de suas aspirações, mas lastimado por quantos comprehendiram que a sua dedicação pelo estudo, cedo roubaria á patria mancobo tão estimavel.

Henrique Feijó, tinha uma irmã que idolatrava, e diga-se a verdade, muito digna de o ser, e com ella e só com ella, abria os thesouros de sua alma, fallando-lhe com a si-sudesa de um homem com o animo já repassado dos mais nobres sentimentos philosophicos, e da moral mais santa, mostrando ter a experiencia de um velho. Eis o que lhe escrevia em junho de 1861, não tendo ainda completado dezenove annos:

«*Minha Adelaide.*—A amizade, que te dedico, me obriga não a instruir-te, mas sim a advertir-te,—nunca uses para teus filhos do terror; é sempre um meio pouco seguro de attrair a veneração: obtem-se muito mais pelo amor, do que pelo medo; por pouco que tu te desvies de teus filhos, o terror vae contigo, mas o amor fica; lembra-te que o terror muda-se em odio, e o amor em veneração; seguindo este conselho obterás, alem da veneração, a confiança, e com ella a certeza de poderes desviar teus filhos dos perigos d'este mundo. A minha cabeça e o meu pensar são ainda de uma creança, menos quando me fallam no teu nome querido; então de repente me encontro homem, e homem velho e sensato, por isso acceita os meus conselhos como os de um ancião experiente e não te lembres dos vinte annos do teu—*Henrique.*»

Aggravando-se-lhe os padecimentos, e recommendando-lhe os facultativos uma viagem á Italia, foi, mas em vez de cuidar unicamente na sua saude, entregou se e dedicou-se todo a um estudo aturadissimo sobre bellas artes, vendo e examinando as galerias dos pintores mais celebres, estudando e revolvendo antigos pergaminhos para escrever-lhes as biographias.

A prova ahi está n'esse livro posthumo, intitulado *Esboços biographicos*, que a ternura e entranhavel amor de sua afflictiva mãe, mandou imprimir.

N'esse valioso e consciencioso trabalho não se esqueceu Henrique Feijó de honrar a patria, mostrando o quanto os monarchas portuguezes apreciavam as artes.

Escrevendo a biographia de Antonio Allegri (Il Corregio) assim se exprime:

... «Um dos melhores quadros de Corregio é *S. Jeronymo*, tem seis pés de altura e é pintado em madeira.

«O nosso grandioso rei D. João V, que amou a arte, e desejava enriquecer Portugal com maravilhas artisticas, offereceu 460 libras aos padres Antoninos, que acceitaram a offerta. Um monge, por nome *Gavini*, correu a Roma e confidencialmente advertiu o duque Filippe do tratado dos monges com o rei de Portugal; o duque mandou vinte e quatro granadeiros com ordem de acompanharem o transporte do quadro ao castello Colorno. Assim o rei D. João V perdeu a posse d'aquella pintura, que se não fosse a indiscripção de Gavani, pertenceria hoje ao nosso Portugal, tão pobre de primores da arte.»

Henrique Feijó conheceu em Italia que o termo dos seus soffrimentos estava a chegar com a morte, e tranquillo a esperava. Em dezembro de 1863 escrevia o seguinte:

«Estou resignado á minha sorte! o corpo soffre, mas o espirito está tranquillo! na minha curta existencia nem conheci a ambição nem o remorso! Ambição, oceano sem praias, onde o ambicioso navega seguindo vão phantasmas, carreira sem limites onde se semeiam illusões e se colhem dores! Remorso, diante do qual o homem rei ou escravo

recua espavorido; juiz supremo que crava o punhal vingador no coração do culpado; remorso, vulcão tenebroso, que em acerbo soffrer devora a existencia: estes dois grandes flagellos da humanidade ignoro-os, e a esta ignorancia devo a tranquillidade do meu espirito.»

Mais tarde assim se exprimia:

«Dentro em poucos dias deixarei de escrever: esse unico meio de communicar os meus pensamentos áquelles que amo, vae acabar para mim! e, apesar de tudo, conservo no meu coração a esperanza de ver ainda uma vez, antes da extrema despedida, a minha patria! e a minha familia! É o que me faz disputar palmo a palmo a existencia! Se não fosse isto, este instante da eternidade, a que chamamos vida, valia por ventura a pena de ser desejado? Não! Quando o corpo soffre horivelmente, ha só um desejo—o ropouso! A minha respiração hoje é mais tranquilla, mas a febre queima-me; a doença fará do meu corpo o que ella quizer: com a minha alma é que nada pode.»

Deos permittiu que os desejos de Henrique Feijó fossem satisfeitos, pois que em 28 de fevereiro de 1864 desembarcou em Lisboa, sendo chamado á eternidade no dia 12 de março seguinte!...

Para se apreciar a memoria de Henrique Feijó, basta saber-se que mereceu ter por biographo o nosso distincto escriptor=*Pinheiro Chagas*=que uma pagina da sua vida fosse escripta pelo illustre *marquez de Sousa*, que o mui digno e illustrado professor de philosophia racional e moral no lyceu nacional de Lisboa, o sr, Dr. A. de Lemos, nosso amigo, lhe dedicasse um testemunho de saudade, e que o distincto italiano F. Ferrucci, lhe enviasse de Piza o seguinte epithaphio:

«Henrice! Henrice! noster carissime,
Quó mœstissimas reliquisti
Matrem tuam infelicem Mariam,
Et sororem amantissimam Adelaidem Feijó.
Quæ te semper amavere, amant, amabunt?»

«Vale Henrice, noster dilectissime»

Dicunt lugentes amici Pisani,

Qui semper virtutes tuas

Desiderabunt.

Æternam dum tibi pacem precatur.»

Tantas provas de consideração, estima e saudade, não são vulgares, nem foram prestadas a um talento vulgar. Sirvam ellas ao menos de linitivo ao coração extremoso de sua bondosa mãe, a quem agradecemos cordealmente a lembrança de nos mimosêar com um exemplar dos *Esboços Biographicos*.

M. J. Cabral

AS MENDIGAS

(Traducção)

—Minha filhinha, não chores!
Roga a Deus que nos attenda!
Vês alem aquella venda?
Talvez seja a protecção!
—Ai! querida mãe d'est'alma!
Ai! que fogo me consome!
Tenho sede e tenho fome...
Oh! minha mãe, tendes pão?
—Filha minha, tem valor!

Vamos, vamos,
Que da venda
Perto estamos!

Jura a Deus o teu amor,
E pede aos anjos dos ceus
Que nos deparem poisada...
Pelo santo amor de Deus!

—Mas, minha mãe, se nos negam
Um cantinho por abrigo,

De ti, de mim só contigo

Querida mãe, que será?

—Tenho fé que não o negam...

Morreríamos de frio...

Aqui... á margem do rio...

Alguem tão mau haverá?

Filha minha, tem valor;

Vamos, vamos,

Que da venda

Perto estamos!

Jura a Deus o teu amor,

E pede aos anjos dos ceus

Que nos deparem poisada...

Pelo santo amor de Deus!

—Dizei me porque meu pai

Nos deixou assim sósinhas,

Às nossas sortes azinhas

Entregues, a padecer?

Talvez seja de o encontrar-mos

Àmanhã o feliz dia

Verás então a alegria

Do nosso doce viver!

—Minha mãe, terei valor!

Vamos, vamos,

Que da venda

Perto estamos!

Juro a Deus o meu amor,

E peço aos anjos dos ceus,

Que nos deparem poisada...

Pelo santo amor de Deus!

Porque paraes, minha mãe?

Porque estais assim tremendo,

Chorando, de dor gemendo...

Não podeis já caminhar?...

—Ai! filha! se conheceres

Quem por ti aqui me tem...

Dize-lhe que tua mãe
O bem disse ao expirar!
—Minha mãe tende valor!

Vamos, vamos,
Que da venda
Perto estamos!

Juro a Deus o meu amor,
E peço aos anjos dos ceus
Que nos deparem poisada...
Pelo santo amor de Deus!...

—Dize-lhe que lhe perdão
Da minha alma, que definha!
Que por ti, oh! vida minha
Pedi, mendigando pão!
Que o meu amor foi tão puro
Qual é a tua innocencia!
Que lh'o diga a consciencia...
E lh'o diga o coração!
Não chores, filha! valor!

Vamos, vamos,
Que da venda
Perto estamos!

Jura a Deus o teu amor,
E pede aos anjos dos ceus,
Que nos deparem poisada...
Pelo santo amor de Deus!...

—E a venda vê-se fechada!...

Ai! minha mãe, onde iremos?

—N'outra, filha, bateremos,
Talvez alguém abrirá!...

.....

E não abrem!... filha... filha...

Não vou além d'esta porta!

Aqui mesmo ou viva, ou morta

O teu pai me encontrará!...

—Minha mãe... tende valor...
 —Sim, filha, que surge o dia
 D'eterna paz e candor
 D'abrigo e santa alegria!
 Juro a Deus o meu amor
 E peço aos anjos dos ceus
 Que te deem a poisada
 Que vai conceder-me Deus!...

E quando o novo sol vinha nascendo
 E das trevas rasgava a nuvem densa,
 Aos ceus
 Duas almas ascendendo
 De Deus
 Se curvavam na presença!

Reynaldo d'Assis.

O DINHEIRO

CANTO DOS MINERAES CUNHADOS

Nasci na entranha do mundo
quando o creou Jehova;
partejando-o um vagamundo
tirou-me d'alli p'ra cá.

Minha missão inda ignota
na edade insonte e remota
por ninguem pensar em mim
deixou-me a fronte pendida;
mas apenas foi sabida
inspirei logo um Cain.

Desde então campeão altivo
no meu imporio;—que é meu!
este mundo em que o Deus vivo
por me desprezar morreu!

Sou rei!.. sou deus!.. sou supremo!..
nem anjos nem furias temo,
que é só lei o que me apraz!
que importa a mentir, um dia
me chame a philosophia
por alcunha—Satanaz!

O sob'rano é meu escravo
humilde perante mim!
se eu quero do solio travo
e parto-lhe a corôa... alli!

Para abrir o seio as vagas,
sem receiar das ortagas,
que vão oscular o ceu,
para abater as alturas
para elevar as planuras,
basta-me só querel-o eu!

Tenho mais forte vontade
que Adonai lá no ceu tem!
tenho eu cá mais liberdade
que o provir só de mim vem!...

Que m'importa os seus archanjos
se posso cá fingir anjos,
se o eden posso imitar!...
que m'importa eternidade?!
será ella uma verdade?—...
é cá mais certo o gozar!

Possuo a mente dos sabios,
dos sacerdotes sou luz!
ao orador cerro os labios,
do Christo mascáro a cruz!...

Tenho a thiara dos papas;
tenho do pastor as lapas;
dos ministros tenho a lei;
tenho do soldado a espada
e do operario a enxada
porque sou do mundo rei!

Tenho virgens, rostos de anjos
veneno dos corações,
que levo, guio, ou constranjo,
ás bachanaes das paixões!

Almas sem mais sentimento,
que os transportes do momento,

que a paixão das joias viz!
frontes que fingem de honrosas
e que nas trevas umbrosas
me vem curvar a cerviz!

Quando eu quero, que m'importa
distancia, montanha, ou mar
a prata penedos corta!
o ouro subjuga o ar!...

Contra mim quem 'stá seguro?
cae a honra n'um apuro
se falta o auxilio meu...
nem a aguia la nos ares,
nem o pirata nos mares,
quando eu digo:—mando eu!

Que vale a coroa d'artista,
os mirthos do trovador,
se não é de joias mixta,
se os mirthos não tem valor!?
Só o dinheiro... só ouro
no mundo reina... um thesouro
dá na vida a regalia!...
que importa o sangue... a deshonra?!...
com ouro paga-se a honra!...
cobre o sangue a pedraria!

Desde as entranhas da terra
a mais alta penedia
sópro a dor, a paz, a guerra,
amor, tristeza, ou folia.
Quem me quer por inimigo,
quem vem competir commigo,
quem ousa dictar-me a lei;
se a velha historia não falla,
se a tuba da fama calla
perante mim que sou rei!

Sou rei... sou deus... sou supremo,
 que não conheço rival!
 quem ousa pensar que o temo?
 quem póde chamar-me igual?
 Sou eu só que inspiro amores,
 só quem mereço louvores,
 que dou extremos dos céus;
 que aos homens pago a saude,
 compro ás virgens a virtude,
 e roubo as almas a Deus!

J. C. Garcia de Lima

DECLARAÇÃO

Por esquecimento involuntario deixou de vir assignada em o n.º passado a poesia intitulada *Paisagem*. Devemol-a á penna do nosso bom amigo e inspirado poeta s sr. Reynaldo de Assis, que tanto tem enriquecido as paginas d'esta publicação, e confiamos nos continuará a auxiliar com o seu bello talento.

Por esta occasião agradecemos á *Ilha*, jornal de Ponta Delgada a transcripção da poesia *Tão triste* publicada em o nosso n.º 4; e isto sem indicação alguma; pois d'este modo torna mais conhecido entre os Açorianos o bom nome do nosso mimoso poeta.

REVISTA GERAL

Quando se distribuia em Lisboa o nosso ultimo n.º, corria de bocca em bocca, com geral sentimento, a triste noticia de ter morrido quasi repentinamente o sr. D. Miguel de Bragança. No dia seguinte (15 de novembro) todos os jornaes confirmavam a triste noticia que veio trazer a dor e a consternação a um partido respeitavel na desgraça pelas crenças inabalaveis da lealdade, que guardára para com o principe proscripto.

S. M. El-Rei o sr. D. Luiz tomou luto, e ordenou á corte que o tomasse tambem por espaço de vinte dias, e toda a imprensa do partido liberal, tanto no continente do reino como nas ilhas adjacentes, deu as maiores demonstrações de sentimento.

Educados e creados na escola liberal, nem por isso deixamos de sentir a morte do principe, que um conjuncto de circumstancias tornou infeliz. Se errou como homem, ninguém lhe póde arremessar a pedra, porque todos têm erros que mais ou menos se podem justificar.

O povo portuguez sempre amante dos seus principes, es-

tá dando provas incontestáveis da maior consideração pelo sr. D. Miguel de Bragança. Nas cidades e villas, e até nas proprias aldeias, não ha egreja aonde se não tenha celebrado por sua alma o santo sacrificio da missa, e aqui, na capital, no sumptuoso templo de Nossa Senhora da Graça, hão de celebrar-se sollemnes exequias, suffragando a sua alma, nos dias 16 e 17 do corrente.

A honra d'este paiz e a indole d'este bom povo exigem que seja revogada essa lei, que, contra os principios consignados na carta constitucional da monarchia, faz recahir sobre os filhos do sr. D. Miguel de Bragança o anathema da maldição. Se o parlamento portuguez fôr o interprete dos votos do povo, os filhos do sr. D. Miguel de Bragança hão de reassumir os direitos que lhe competem como netos do sr. D. João IV.

—É com bastante pezar tambem que annunciamos os graves receios que ha pela vida de Sua Alteza a sr.^a infanta D. Isabel Maria. A augusta princeza está gravemente enferma; mas se no ceu forem escutadas as vozes de todos quantos rogam a Deus pela conservação de tão preciosos dias, a sr.^a Infanta hade restabelecer-se para amparo de todos os infelizes a quem protege com mão larga.

—Depois de noticias tão tristes temos a satisfação de dizer a todos quantos se interessam pela saúde do nobre marechal do exercito, o sr. duque de Saldanha, que s. ex.^a teve uma viagem muito feliz até Civita-Vecchia. O nobre duque foi recebido em Hespanha por Sua Magestade Catholica com a maior consideração. A rainha recebeu em audiencia particular o sr. duque e sua ex.^{ma} esposa, conferindo a esta a banda de Santa Isabel.

O sr. duque de Saldanha em toda a parte é respeitado e querido pela nobreza do seu character, pelos seus elevados sentimentos, e pelos relevantissimos serviços prestados á religião e á liberdade com a penna e com a espada. Permitta Deos que brevemente seja restituído á patria de que é ornamento e gloria.

—Portugal está ligado á Europa pelos caminhos de ferro. Este acontecimento hade influir poderosamente no futu-

ro do paiz. Portugal e Hespanha podem e devem estreitar os laços de reciproca amisade, conservando todavia cada uma das nações a sua independencia politica.

A rainha de Hespanha, acompanhada de seu esposo, do principe das Asturias e da princeza Isabel sua filha, sahiu de Madrid no dia 9 do corrente; e demorando se algum tempo em Ciudad-Real e Badajoz, chegou a Lisboa no dia 11 pelas tres horas da tarde, sendo recebida com o mais luso-apparato e com o mais respeitoso acolhimento. Sua Magestade o sr. D. Luiz e seu augusto pai o sr. D. Fernando foram esperar os reis catholicos á gare, e d'ahi em luso-cortejo se dirigiram ao palacio de Belem, que fôra convenientemente preparado com a maior sumptuosidade para receber os augustos hospedes.

Hoje, 12, ha recepção official no paço de Belem, e consta que tanto os monarchas portuguezes como os reis catholicos vão á noite, em grande gala, ao theatro de S. Carlos. No dia 13 ha um baile no paço da Ajuda, e no dia seguinte está annunciada a sahida da rainha de Hespanha para Madrid.

Permitta Deus que esta visita venha estreitar os laços de amisade entre os povos e monarchas para ventura e prosperidade das duas nações, livres e independentes sempre.

—A situação politica em Portugal continúa a mesma. Anciosos esperamos pela abertura das côrtes, afim de se conhecerem os grandes projectos que o governo tenciona apresentar no parlamento. Receia-se que o sr. ministro da fazenda venha pedir ao paiz novos sacrificios para atenuar o grande *deficit* que resulta das despesas extraordinarias ultimamente feitas, e tambem, que não lhe sendo approvados todos os seus actos, o governo recorra á dissolução.

Não o duvidamos, mas se o paiz for consultado livremente—se a pressão das auctoridades e cabos de policia não influir no resultado da urna, cremos que a victoria não será favoravel á situação actual.

—Resolveu o governo que ninguém possa remir-se do serviço militar senão pela quantia de 300\$000 réis; e publicou um novo regulamento para o exercito.

—A população da capital esteve quasi condemnada a ver desaparecer os chafarizes das ruas e praças de Lisboa. Houve o triste pensamento de dar-se o monopolio das aguas a uma companhia. Os miseraveis e desgraçados não poderiam obter uma gota de agua sem que a comprassem a peso de ouro. Este monopolio chegou a ter advogados na imprensa; mas á imprensa se deve tambem o pôr-se de parte semelhante pensamento. A redacção da *Verdade* combateu com a maior energia semelhante projecto. Os artigos do sr. Guimarães eram procurados e lidos com avidéz nos cafés, nas praças, e mesmo nas reuniões particulares. A idéa infelicissima de privar o povo do gozo das aguas livres morreu á nascença. O povo quer o abastecimento de aguas, mas não quer o monopolio—o povo paga impostos municipaes que seriam applicados com vantagem ao abastecimento, se não se distrahissem para outra applicação. Dê-se ao municipio de Lisboa o rendimento que lhe pertence, que o municipio não terá necessidade de recorrer ao governo para que a capital seja abastecida de boas e salutíferas aguas.

—Tem causado muita sensação na capital os acontecimentos criminosos que infelizmente occorreram no Limoeiro na tarde do dia 10 do corrente.

Na prisão n.º 3, entre outros scelerados, havia um hespanhol já condemnado pelo crime de notas falsas. Eram seis horas e estava o juiz da prisão collocando uma luz no logar competente, e o hespanhol traiçoeiramente o matou ás facadas! Outros presos cahiram sobre o assassino e armados tambem de facas, deixaram-no em miseravel estado.

NOTICIAS DOS AÇORES

DO SUPPLEMENTO AO N.º 257 DA «PERSUAÇÃO»
EXTRAHIMOS AS SEGUINTE NOTICIAS

Ponta Delgada, 30 de novembro de 1866.

Começou a 5 do corrente a maior azafama agricola e commercial desta ilha, com a apanha e exportação de laranja. A colheita este anno será escassa, pelo que o preço é mais elevado. A' que se vende a redondo nas quintas abriu-se a 2\$000 réis por caixa, e já se elevou a 2\$600 réis. E' bom, e o essencial é que as noticias de venda o mantenham.

A exportação até 24 inclusivè, foi a seguinte: para Londres em 21 navios, 13:516 caixas grandes, 7:921 meias caixas, 271 caixas pequenas e 33 malotes de tangerina; para Bristol em 5 navios, 3:463 caixas grandes, 1:235 meias caixas e 73 caixas pequenas; para Hull em 8 navios, 5:566 caixas grandes, 2:716 meias caixas, 72 caixas pequenas e 4 malotes de tangerina; para Liverpool em 4 navios, 2:244 caixas grandes e 1:154 caixas pequenas. Total 38 navios, 24:789 caixas grandes, 13:026 meias caixas, 419 caixas pequenas e 37 malotes de tangerina.

A exportação principiou a 9, sendo os primeiros navios que saíram, a escuna *Jacintha* e patacho *Mercurio*

—O tempo, que começou mal no 1.º do mez e se conservou tempestuoso até 6, melhorou, e tem-se conservado excellente para os trabalhos proprios da estação.

—Veiu ter aos portos dos Mosteiros e Santa Iria, em 2 lanchas, no dia 5 do corrente, a tripulação da barca ingleza *Robert Leonard*, que tinha saído do porto de Trood Clyde com carga para Matanzas, e por fazer muita agua foi abandonada pela dicta tripulação a 27 d'outubro, a 200 milhas ao nordeste de S. Miguel. Os naufragos chegaram sem grandes necessidades, mas não tem sido bem tratados pelo sr. consul inglez n'esta ilha. Segundo um jornal, aquella auctoridade britannica alojou-os n'uma loja subterranea, humida e sem luz, como se fossem irracionaes, não lhes fornecendo camas, e reduzindo os infelizes á triste situação de venderem a roupa que trouxeram para se sustentarem!

Por este e outros factos o consul inglez em S. Miguel é mal visto de todos os seus compatriotas, e nos naturaes da terra tambem não tem sympathia alguma. Brevemente terá elle de responder a um processo crime, por êspancamento practicado n'esta cidade em pleno dia! Foi-lhe intimada ha poucos dias ordem de prisão, e não se recelheu á cadeia, porque deu fiança. Um funcionario de tal cathegoria, assim indisposto, desconsidera e abate a nação que representa.

—Rendeu a alfandega d'esta cidade no mez d'outubro 14:240\$980 réis, sendo para o estado 12:314\$660 réis, e para a doca 1:926\$320 réis.

—Do boletim das obras do porto artificial, do mez de outubro, tiramos o seguinte extracto: receita realisada réis 428:701\$988, capital recebido por conta de emprestimos 667:984\$023 réis; despeza com a construcção, direcção e administração das obras 924:033\$196 réis; quantia paga para amortisação de emprestimos 81:418\$750 réis, dita dispendida em pagamento de juros 79:556\$992 réis; pedra lançada no quebra mar 614:386 toneladas inglezas, lanços da plataforma construidos 72, sessões da junta administrativa 234, officios recebidos 975, ditos expedidos 1:044.

Estas obras progridem com boa fortuna depois que a di-

recção d'ellas está incumbida ao sr. director das obras publicas do districto, dr. Ricardo Julio Fêrraz.

—Desde o dia 12 do corrente, a alfandega d'esta cidade para melhor poder satisfazer á grande affluencia de serviço, abre ás 8 horas da manhã e fecha ás 4 da tarde, e ainda depois d'esta hora até ao dia seguinte fica um piquete effectivo a fiscalisar o embarque da laranja. Em nenhuma outra repartição do estado d'esta ilha ha tão violento trabalho, e assim mesmo ainda o expediente não é tão prompto como o exigem as necessidades commerciaes. A falta de casa e o augmento de trabalho pela ultima reforma de alfandegas, são a causa d'estes penosos e prejudiciaes embarços. E sendo tão rigoroso o trabalho dos empregados fiscaes, ainda um terço dos emolumentos que elles percebem, lhes é tirado para beneficiar os empregados da alfandega de Angra, onde não ha um terço do serviço de Ponta Delgada, e onde em todo o caso nada se faz para merecer-se o que outros funcionarios aqui ganham bem amarguradamente! Alem d'esta injustiça contra a qual tem representado debalde os empregados lesados, ainda lhes acontece receberem tardiamente os emolumentos que ganham, porque em Angra, onde tem de ser approvadas as folhas da distribuição d'elles, demoram e erram este expediente, do que resulta receberem regularmente os empregados de lá o que não ganham, e os de cá só ás vezes com grandes delongas são embolsados do que lhes pertence!

Isto é uma injustiça que deve cessar, pois não ha razão alguma em que possa justificar-se.

—A 18 pelas 11 horas e 3 quartos da noite sentiu-se n'esta cidade um abalo de terra, que não causou prejuizo algum.

—Chegou a esta cidade o inspirado auctor da *Paqueta* — o sr. Bulhão Pato, e sabemos que tem sido recebido pela melhor sociedade com as distincções devidas ao seu grande talento. O illustre poeta, que, repousando de lides litterarias, veio á benignidade deste clima procurar o restabelecimento de sua alterada saude, não terá que arrepender-se da preferencia que deu á formosa ilha de S. Miguel para esta digressão.

—Chegaram a 23 e 24 os vapores *Zarco* e *Faiwater*, para tomarem cargas de laranja para Inglaterra. Ambos entraram na doca aonde tem descarregado e estão carregando.

A 11 distribuiu-se n'esta cidade o primeiro numero de um pequeno semanal litterario e noticioso consagrado ás classes operarias, intitulado o *Typographo*. Actualmente imprimem-se em Ponta Delgada os seguintes semanaes—*Açoriano Oriental*—*Aurora dos Açores*—*Campeão Liberal*—*Commercio dos Açores*—*Ecco Social*—*Ilha*—*Melrinho*—*Persuasão*—e *Typographo*; e na Ribeira Grande—*Opinião Publica*. Na mesma villa sairá brevemente outro periodico intitulado—*Diario Popular*.

—Ainda não terminou a epidemia de febres nas Feteiras, com quanto haja diminuido consideravelmente. O resultado do tratamento tem sido excellente, o que é devido ao caridoso e mui pratico cirurgião da localidade o sr. João Jacintho Cabral, e aos auxilios para alli prestados para socorro dos pobres pela misericordia e camara municipal.

Não é aquelle logar o unico ponto d'esta ilha aonde ainda ha resto de epidemia, pois na Fajã de cima ainda totalmente não cessaram os casos que mantiveram por muito tempo em estado epidemico aquelle logar.

Na cidade e outras partes da ilha, sem que se possa considerar anormal o estado sanitario, apparecem casos de febres proprias da quadra que tem posto em grande risco de vida muitas pessoas.

—Tem continuado a funcionar regularmente e com acceitação publica a companhia dramatica. Ultimamente poz em scena a *Nobresa* do sr. Corrêa de Barros, em que muito applaudidos foram os principaes actores e actrizes. Em ensaios tem — *D. Philippa de Vilhena*, de Garrett, e os *Homens de Marmore*, do sr. Mendes Leal.

—Para se empregar nas obras da doca chegou de Inglaterra uma nova locomotiva. Agora ha quatro n'aquelles trabalhos.

—Tambem se cuida em mandar vir os precisosapparelhos para se estabelecer n'aquellas obras uma luz electrica

que auxilie os trabalhos nocturnos os quaes com bom tempo duram até á meia noite. Espera-se que o custo d'esta projectada introduccão não seja superior ao capital a que corresponde o dispendio actual com a má illuminação que se emprega.

—Se se chegar a estabelecer a luz electrica, tambem um pequeno telegrapho electrico será montado para da secretaria da administração das obras se transmittirem e receberem ordens entre pontos muito afastados das obras, no que se emprega presentemente um pessoal dispendioso.

—Tirou-se uma vista photographica da bacia já abrigada pela muralha da doca, estando n'ella fundeados os vapores *Zarco* e *Fairwrtter* e outros navios, a qual vista vae ser publicada nos jornaes estrangeiros melhor reputados, acompanhada de uma noticia do estado das obras, dos recursos que ellas pelas suas officinas podem prestar á navegação, e da importaacia commercial e maritima de S. Miguel. Tudo isto deve chamar a attenção das companhias que tentam estabelecer novos cabos telegraphicos entre a Europa e America com passagem pelos Açores, para darem no archipelago preferencia a S. Miguel, como a ilha que mais vantagens offerece ao commercio e marinha de todas as nações, para ponto de communicação dos dictos cabos telegraphicos submarinos.

—O serviço sanitario no lazareto de Lisboa tem sido prejudicialissimo aos negociantes de Ponta Delgada. Muitas fazendas lhes tem chegado avariadas com nodoas do chlo-rureto de cal com que lhe fizeram *beneficiações*; e até alguns artigos ali tem sido dizimados, provavelmente por *interesse sanitario* d'algum empregado. D'um negociante sabemos nós que, mandando vir do estrangeiro seis linguas de peixe para uso culinario, que custam caras, só recebeu cinco, e uma lata de bolacha fina que vinha soldada e hermeticamente fechada, tambem lhe chegou grandemente desfalcada. Isto accusa um desleixo e uma falta de escriptulo muito extranhavel e altamente nociva ao credito de um estabelecimento publico, como o dicto lazareto, devendo tomar-se providencias que façam cessar taes abusos.

—A 28 falleceu n'esta cidade o sr. barão de Santa Cruz, Antonio Vicente Peixoto, antigo governador civil d'este districto, deputado em varias legislaturas e actualmente representante do districto da Horta, de cuja cadeira não chegou a tomar posse por falta de saude. Succumbiu a antigos padecimentos do coração, na magnifica residencia do sr. commendador Jacintho Fernandes Gil, onde tinha vindo passar o inverno, porque habitualmente residia no pittoresco logar da Fajã de baixo, suburbio da cidade, n'um bello palacete que ali possui, dominando vastos e valiosos terrenos seus. Era aqui em S. Miguel o grosso da fortuna do sr. barão, tendo tambem boa casa nas Flores, d'onde era titular e d'onde foram naturaes es seus ascendentes.

Este fallecimento deixa grande saudade nas muitas pessoas que presavam o finado, e grande consternação na sua illustre familia. Contemplou com 400\$000 réis a misericórdia de Ponta Delgada, e com egual quantia o asylo d'infancia desvalida, e com dotes para casamento a doze raparigas honestas do logar em que costumava residir, na Fajã.

EXPEDIENTE

Com este n.º finda o 1.º semestre d'esta publicação, e por isso pedimos aos srs. assignantes em divida se sirvam mandar a importancia das suas assignaturas ao escriptorio da redacção na rua do Ouro n.º 232, 1.º andar.

O *Paquete do Tejo* publicar-se-ha de janeiro em diante em folha de formato grande nos dias 15 e 30 de cada mez, e não se expedirá uma só folha para as provincias e ilhas sem que a assignatura fique antecipadamente paga.

Preços para Lisboa 500 réis por semestre. Provincias e ilhas 600 réis fortes, sendo a despesa do correio por conta da redacção.

PAQUETE DO TEJO

Assigna-se para esta publicação em casa do seu proprietario Marianno José Cabral, na rua do Salitre n.º 331; e na livraria do sr. Campos Junior, rua Augusta n.º 77 a 81.

Preço da assignatura em Lisboa 100 réis por numero, pagos no acto da entrega.

Provincias e ilhas 720 réis por semestre, franco de porte.

Avulso 120 réis por numero.

Os srs. assignantes das provincias e ilhas podem remetter as suas assignaturas em estampilhas, ou por qualquer modo que lhes seja mais conveniente.

EMPRESTIMOS HYPOTHECARIOS

Pertencções nas secretarias, recursos no consêlho de estado, dispensas matrimoniaes tanto da côrte de Roma como da nunciatura apostolica, tudo se solicita com promptidão no escriptorio da rua do Oiro n.º 232, 1.º andar. A correspondencia deve ser dirigida a Marianno José Cabral.